



Informativo Diocesano



A Revista Formativa e Informativa da Diocese de Umuarama – Revista Mensal
Ano 49b - Número 520 - Outubro de 2025

diocesedeumuarama.org.br



A missão passa pela família:
mãos que se unem, fé que caminha



“A missão renova a Igreja, revigora a fé e a identidade cristã”

(São João Paulo II)

Em 01 de outubro, dedicado às missões, recorda-nos que a natureza da Igreja é ser missionária. Como afirma o Papa Francisco, a Igreja existe para evangelizar. Por isso, o tema que ilumina esta edição nos fala tão de perto: “A missão passa pela família: mãos que se unem, fé que caminha.” É na família que a fé nasce, cresce e se fortalece, transformando cada lar em uma pequena igreja missionária.

Nossa entrevistada, Rosângela Janunzzi Inácio, lembra-nos que “a fé e o amor têm o poder de curar”. É justamente esse amor que se torna missão, como nos recorda também Dom João, em sua reflexão sobre a semente de mostarda: pequenos gestos de fé podem crescer e transformar vidas. Santa Teresinha, padroeira das missões, dizia com simplicidade: “No coração da Igreja, minha Mãe, eu serei o amor.” Sua vida é testemunho de que a missão começa no coração e se estende ao mundo inteiro.

Os artigos desta edição reforçam este chamado: o Pe. Lucas Pereira fala sobre os Missionários da Esperança entre os povos; Paulo Ângelo nos convida a olhar para a Infância Missionária e para o Jubileu de Esperança; o Pe. Sérgio Grigoletto, em sintonia com o Outubro Rosa, lembra que cuidar da vida é cuidar do dom mais precioso de Deus; e o Pe. João, no artigo sobre o DNJ, recorda que também os jovens são missionários, inspirados pela juventude de Santa Teresinha.

Vivemos ainda a alegria da nomeação do Mons. Frei Pedro Cesário Palma, como bispo da Diocese de Jardim, em Mato Grosso do Sul. Sua vida de serviço é sinal de esperança missionária para toda a nossa Igreja.

Convido você, querido leitor, a mergulhar neste espírito missionário! Como disse São João Paulo II: “A missão renova a Igreja, revigora a fé e a identidade cristã.” Que este outubro seja para todos nós um tempo de entusiasmo, esperança e coragem.

Boa leitura, força e coragem!

Pe. Wagner Pereira de Oliveira

Diretor - Geral | Editor Responsável
Vigário da Paróquia São Paulo
Apóstolo – Umuarama - PR



03 PINGOS DE BÍBLIA
“Semente de mostarda” (Mt 13,31)

04 PASTORAIS
Pastoral da Criança

05 MISSÃO IGREJA-IRMÃ
Testemunhos da missão na Diocese de Humaitá

06 AÇÃO EVANGELIZADORA
Missionários da Esperança entre os povos

07 ENTREVISTA
Rosângela Janunzzi Inácio
“...a fé e o amor têm o poder de curar.”

08 VIVÊNCIA CATEQUÉTICA
Catequista: Missionário de Esperança

09 COMUNIDADES ECLESIAIS MISSIONÁRIAS
A missão testemunhal dos cristãos: anúncio pessoal e comunitário da fé



10 JUBILEU DE ESPERANÇA
A Infância Missionária e o Jubileu de Esperança

12 ESPIRITUALIDADE
A Palavra de Deus: sustento das comunidades missionárias

13 FORMAÇÃO LITÚRGICA
A importância de Maria na liturgia

14 VOCAÇÃO
Ide! (Mc 16,15)

15 ASSUNTOS DE FAMÍLIA
A Educação Familiar: Berço da Missão Cristã

16 BIOÉTICA
Outubro Rosa: Cuidar da Vida, Dom de Deus

17 SETOR JUVENTUDE
Dia Nacional da Juventude (DNJ)

18 ESPAÇO DIOCESANO
Leonardo dos Santos – Diácono e Seminarista

19 ACONTECEU NA DIOCESE

20 CURIOSIDADES DA IGREJA
Dom José



Revista Formativa e Informativa da Diocese de Umuarama -
Revista Mensal - Ano 49-b -
Número 520 - Outubro de 2025

Av. Pe. José Germano Neto Júnior, 4260
Caixa Postal 191 - CEP 87502-970
Umuarama - PR
Fone: (44) 3622-1301
pastoral@diocesedeumuarama.org.br
www.diocesedeumuarama.org.br

Diretor-Geral | Editor Responsável
Pe. Wagner Pereira de Oliveira

Conselho Editorial
Pe. Wagner Pereira de Oliveira
Pe. Lucas Pereira dos Santos
Irmã Maria Vieira Feitoza
Solange Valentim de Oliveira
Érica Bolonhezi
Katya Yaeko Suzuki

Phelipe Hydemry Saquetti Matimoto
Alessandro Savioli
Profª. Shirley C. Cintra

Revisão
Professora Mestra Shirley Cristiane Cintra
Fone: (44) 99925-1443

Capa
“A missão passa pela família: mãos que se unem, fé que caminha”
Foto: Rosângela Geder

Diagramação e Arte
Ricardo Cruz

Impressão
Gráfica Paraná Criativa
Fone: (44) 3623-2838

Tiragem
3.155 exemplares

“Semente de mostarda”

(Mt 13,31)



Semente de mostarda, São Francisco de Assis e a Criação, fotomontagem ID / iStockphoto

Entarei relacionar este pingui-nho de Bíblia a outros saberes inspirados. A pretensão é ressaltar o fio que perpassa: Jesus, totalmente fascinado pelo coração do Pai, O via atuando em cada criatura. Igualmente, mas com a devida gradualidade, São Francisco vê o “meu Senhor” em tudo; o noviço, atingido pela afeição, vê o rosto da amada em tudo. Cl 1,16 diz: tudo foi criado por Ele, nele e para Ele.

Uma anedota chinesa: O mestre ordena ao discípulo que limpe o pátio e o jardim. Ele varreu o pátio e as passarelas. Chamou o mestre para avaliar. O mestre disse: limpa mais.

Ele varreu as folhas caídas na grama, no pé das plantas. Chamou o mestre para avaliar. O mestre: limpa mais.

Ele pegou um balde d’água, pano e limpou cada folha das árvores. Chamou o mestre. O mestre sacudiu os galhos das árvores e as folhas envelhecidas cobriram de novo toda a área. Depois, tascou: LIMPAR É DEIXAR SER.

Um trecho de um poema de Manoel de Barros diz:

Pela rua deserta atravessa um bêbado comido e oscilante como bambu assobiando...

Ao longo das calçadas algumas famílias ainda conversam. Velhas passam fumo nos dentes, mexericando...Nhanhá está aborrecida com o neto que foi estudar no Rio e voltou ateu.

— Se é pra desaprender, não precisa mais estudar.

Pasta um cavalo solto no fim escuro da rua. O rio calmo, lá embaixo, pisca luzes de lanchas acordadas. Nhanhá choramanga: - Tá perdido, diz que negro é igual a um branco!

Em “O Nome da Rosa”, de Humberto Ecco, romancista italiano, o noviço, em hora noturna, na cozinha do mosteiro, vive uma experiência amorosa com uma jovem que invade o espaço para roubar. Seria apenas um frango ou um pacote de alimento para seus irmãozinhos famintos. Depois, a mocinha foi descoberta, presa e, certamente, executada conforme a legislação do tempo e lugar. Ambos se encantaram com o vivenciado: o jovem monge, depois, via o rosto dela no olho do boi, nas flores, nas folhas das árvores, na pena dos passarinhos.....!

Experiência similar descreve Guimarães Rosa, em “Grande Sertão, Veredas”. Num momento de recordação de intensa afeição por Diadorim, Riobaldo diz: “aquilo empapou tudo...até a folha das árvores... em pensamento abracei Diadorim com as asas de todos os pássaros...”.

Francisco, retornado da guerra Assis/Perúgia, desiludido com a derrota, mas ainda eleito líder dos jovens, caminha com eles, cantarolando, à noite, pelas ruas da cidade. De repente, Francisco se detém e a turminha prossegue. O grupo, já distanciado, volta-se a ele e diz: Você parece apaixonado, Francisco...!?. Essa narrativa está no capítulo 3,

da “Legenda dos Três Companheiros”, uma das primeiras biografias do santo.

Posteriormente, ele explica: “Fui tomado por uma tal experiência de doçura que se me cortassem em pedacinhos, não conseguiria sequer me mexer”. O resto da vida de Francisco foi tirar a limpo aquilo. Perguntou-se se não teria sido ilusão? Concluiu que não. Se foi puro acaso ou se é possível a gente buscar aquilo?

Então, Francisco se dá conta que, naquele instante, sentia-se frustrado, perdera a guerra, “pisara na bola”, como se diz. E passou a desconfiar que quem está “pisando na bola”, sem fixações, aberto e livre, está também fazendo aquela experiência. E pensa: pobre é quem mais “pisa na bola” — nem sabe se vai ter comida amanhã...? — Acho que pobre está fazendo aquela experiência continuamente...!? Passa, então, a viver pobre, no meio dos pobres.

Depois, ele vê que o leproso é mais pobre ainda. E vai para o meio deles. Um dia, passando pela igreja de São Damião, o crucifixo lhe fala: Francisco, reconstrói a minha igreja, não vês que ela está em ruínas? “Com muito boa vontade o farei, Senhor”, ele respondeu.

Francisco concluiu que quem mais “pisa na bola” nesse universo é o Crucificado. Ele não sabe o pecado que faremos daqui 5 minutos e já está acionando misericórdia para nos perdoar.

Depois disso, Francisco encontrava a doçura daquela noite em tudo: no sol, na lua, nas estrelas, no vento, na terra...na ofensa, na dor e na morte. Eis o Cântico das Criaturas.

Resumindo: Acho que todos pensaram: que falta de consciência de Nhanhá, discordar de que preto é igual a um branco...!! É que o poeta aprendeu bem com o mestre: limpar é deixar ser. Não quer gerenciar a vida. Mas, assisti-la como a um espetáculo. Se fores capaz disso, verás o bem real que pode fazer. E tudo o que fizer, será amor de verdade. Ajudará, de fato, sementes de mostarda a crescerem.

✠ **Dom Frei João Mamede Filho, OFMConv**
Bispo da Diocese de Umuarama





Pastoral da Criança

“Eu vim para que todos tenham vida e vida em abundância” (Jo 10,10)

Caros leitores, Meu nome é Maria Alves Benevenuto, mais conhecida como “Dedê”, e vou compartilhar com vocês um pouquinho sobre a Pastoral da Criança.

Primeiro eu gostaria de apresentar o nosso **objetivo geral** que é:

Promover o desenvolvimento integral de crianças e gestantes, desde o ventre materno até os seis anos de vida, por meio de ações de saúde, nutrição, educação e cidadania. Assim, a organização busca diminuir a mortalidade infantil e melhorar as condições de vida das famílias, por meio de uma rede de voluntários que acompanham as comunidades, atuando com base na fé cristã e na solidariedade para a transformação social.

Enquanto **objetivos específicos**, a pastoral visa: reduzir a mortalidade infantil e materna, promover o desenvolvimento integral, centralizar a atenção em crianças de zero a seis anos e garantir que os pequenos tenham as condições necessárias para o seu pleno desenvolvimento.

Além disso, a Pastoral oferece apoio às gestantes por meio de acompanhamento e orientação voltados para uma gravidez e um parto saudáveis. Também promove o desenvolvimento comunitário, incentivando a autonomia e a solidariedade entre as próprias comunidades.

SOBRE A NOSSA ATUAÇÃO

A nossa atuação ocorre por meio de um rede de voluntários, em que milhares de líderes, que moram nas próprias comunidades, realizam visitas domiciliares para orientar as famílias.

Assim, entre as nossas **ações** básicas, estão as orientações e



Integrantes da Pastoral da Criança da Diocese de Umuarama e crianças sendo atendidas, arquivo

atividades nas áreas de saúde, nutrição, educação e cidadania.

HISTÓRICO DA PASTORAL

Em 1983, a pedido da CNBB, a médica pediatra e sanitarista Dra. Zilda Arns Neumann, irmã de Dom Paulo Evaristo Arns, fundou, em parceria com Dom Geraldo Majella Agnelo – então arcebispo de Londrina e mais tarde cardeal arcebispo primaz de São Salvador da Bahia – a Pastoral da Criança, organismo de ação social da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. Inspirada nas palavras do Evangelho de João (10,10): “Eu vim para que todos tenham vida e a tenham em abundância”, a Pastoral celebra, neste ano, 42 anos de compromisso com a vida e a dignidade das crianças e famílias.

O PAPEL DO LÍDER COMUNITÁRIO

O Líder da Pastoral da Criança é um voluntário que representa a organização junto às famílias, orientando sobre saúde, nutrição, educação e cidadania por meio de



visitas domiciliares. Ele organiza a Celebração da Vida, realiza trimestralmente o acompanhamento nutricional das crianças e participa das reuniões de reflexão e avaliação para formação e partilha. Sua missão é levar esperança, fé e apoio às gestantes, crianças e suas famílias, promovendo o desenvolvimento integral e a melhoria da qualidade de vida, em sintonia com o Evangelho.

METODOLOGIA

A metodologia da Pastoral da Criança baseia-se nas Visitas Domiciliares, na Celebração da Vida e nas Reuniões de Reflexão e Avaliação. Por meio da mística cristã e do Evangelho, forma líderes voluntários que acompanham gestantes e crianças até seis anos, promovendo saúde, nutrição, educação e a defesa de políticas públicas em favor da vida.

Maria Alves Benevenuto

Coordenadora da Pastoral da Criança Diocese de Umuarama Umuarama-PR



Testemunhos da missão na Diocese de Humaitá

“...até onde pode chegar a fé de uma pessoa.”

Queridos leitores, Hoje, desejo compartilhar com vocês uma das experiências mais profundas que vivi desde o início desta missão. O que mais me comove – e me inspira – é a fé serena e inabalável dos idosos. Há algo de sagrado na forma como acreditam, como se entregam com confiança total à vontade de Deus.

Mesmo diante das dificuldades, como as enchentes que enfrentamos neste primeiro semestre de 2025, sua confiança não se abala. Eles perderam suas plantações, perderam quase tudo, mas permanecem firmes na esperança. Sabem que logo o rio vai baixar e então poderão plantar novamente a macaxeira – nossa mandioca – para produzir a farinha, alimento essencial de cada dia.

Então, é muito comovente perceber como, em meio às perdas, eles se sustentam na providência divina e continuam a acreditar que a vida sempre pode recomeçar.

Eles não desanimam. Quando vem a enchente e leva tudo, eles se viram: replantam no ano seguinte, ou no outro. Às vezes, passam até quatro anos esperando e quando a água finalmente recua, já está tudo formado de novo. Aí vem outra cheia e lá se vai o bananal. Mas eles não reclamam – levantam as mudas, guardam com cuidado e esperam o momento certo para replantar.

É impressionante ver como a fé sustenta tudo isso. Há também outra coisa que me toca muito: a forma como vivem felizes com tão pouco. No Sul, a gente almoça pensando no que vai ter para o jantar. Nas comunidades ribeirinhas de Humaitá é diferente: eles vivem o agora, com gratidão e leveza.

MEMÓRIAS

Uma das primeiras reuniões que participei ficou muito marcada na minha memória. Foi em 2018, quando fui com o padre até uma comunidade. Ele me disse: “Irmã, não precisa levar comida, lá tem.”

Chegamos e a reunião aconteceu debaixo de uma árvore, com cerca de vinte pessoas da comunidade reunidas. Fomos conversando e o tempo foi passando. Quando deu por volta das 11 horas, todo mundo seguia ali, quietinho, prestando atenção. Aí comentei: “Hoje o almoço vai sair tarde, né? Tá todo mundo aqui na reunião.”

Mas, perto das 11h30min, uma senhora bem idosa se levantou discretamente. Dois minutos depois, já dava para ver uma fumacinha saindo – ela tinha ido preparar o almoço.

Logo em seguida, apareceu um jovem, devia ter uns 16 ou 17 anos. Vi ele descendo até o rio com uma garrafa na mão. Lá

embaixo, ele contou quantas pessoas estavam na reunião, lançou a rede nas águas do rio, pegou um peixe para cada uma e jogou o restante de volta na correnteza.

Ali mesmo, ele limpou os peixes, abriu um por um e trouxe tudo num balde, já prontinho. A senhora já tinha água fervendo num caldeirão grande e tudo começou a se preparar ali, com uma naturalidade que me emocionou.

Então, chegou um senhor e jogou os peixes na panela. Peixe cozinha rápido, né? Quando foi meio-dia, todo mundo já estava comendo. Eles tiraram a água no ponto certo, jogaram a farinha, mexeram bem – e pronto: um pirão delicioso, com um peixe em cada prato.

Para comer, só tinham quatro pratos. Então comiam quatro pessoas, depois mais quatro, e mais quatro... e assim foi. Eu ali, diante de todo mundo, muito feliz, observando aquela cena tão simples e tão cheia de sentido.

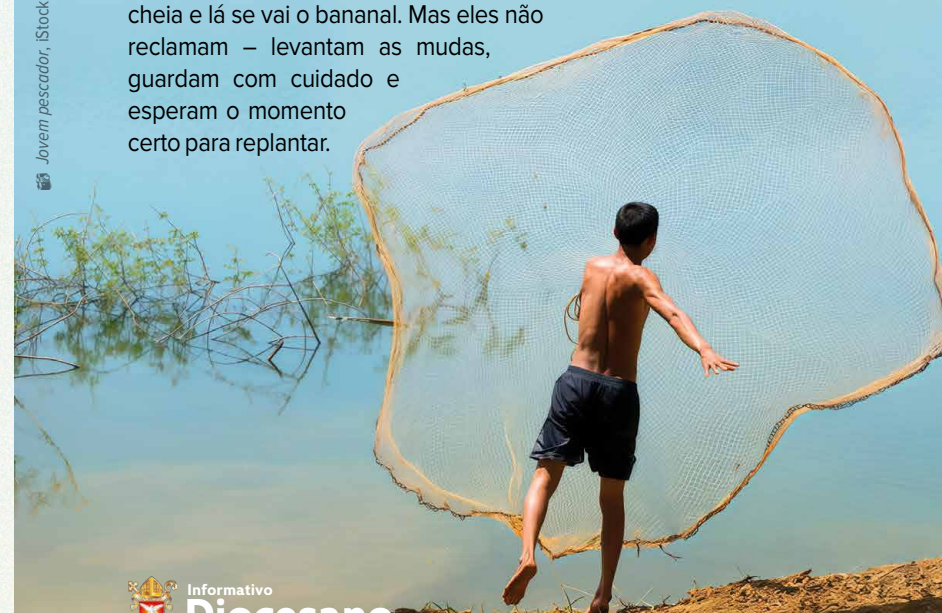
Achei interessante também quando perguntei a uma jovem: “E à noite, como é? Vocês têm comida?” Ela respondeu: “À noite, a gente pesca de novo.” Aí, eu perguntei: “Mas vocês não têm medo de um dia não conseguir pescar nada? De faltar?” E ela me disse com toda a certeza: “**Não. Deus não vai nos desamparar.**”

Essa foi a resposta que ela me deu. Até hoje, eu fico pensando nela. Como religiosa, fazer uma pergunta daquelas foi, de certa forma, um gesto infantil, mas também revelador. Mostrou até onde pode chegar a fé de uma pessoa.

Irmã Olinda

Missão Igreja-Irmã Humaitá - AM

Jovem pescador, iStockPhoto





Missionários da Esperança entre os povos



Santa Teresinha do Menino Jesus e Nossa Senhora Aparecida, fotomontagem ID

Por meio do exemplo de Maria, de Santa Teresinha e de tantos outros santos e pessoas de fé, possamos renovar nosso ardor missionário, sendo homens e mulheres que cuidam dos irmãos, que sabem enxergar e respeitar o próximo e que amam como Jesus nos ensinou. Essa é a nossa missão.

Caríssimos leitores, O mês de outubro nos traz várias celebrações importantes, entre elas a memória de Santa Teresinha do Menino Jesus e a Solenidade de Nossa Senhora Aparecida, padroeira do Brasil. A primeira nos conduz ao título de outubro como o **Mês Missionário**.

É comum que alguns fiéis resumam erroneamente a missão e o ser missionário, limitando-os à atuação em terras distantes, visitas de porta em porta ou até mesmo acreditando que essa tarefa cabe apenas aos padres e consagrados.

Não podemos esquecer da Palavra de Jesus, que diz: “Ide pelo mundo inteiro e proclamai o Evangelho a toda criatura” (Mc 15,16)! Uma missão que Ele deu a seus discípulos e a todos nós, fazendo-nos, assim, responsáveis e missionários.

O Decreto Conciliar *Ad Gentes*, sobre a atividade missionária da Igreja, afirma: “A Igreja peregrina é, por sua natureza, missionária, visto que tem sua origem, segundo o desígnio de Deus Pai, na ‘missão’ do Filho e do Espírito Santo” (AG,6). Ou seja, nós, que somos a Igreja, temos em nosso DNA espiritual o desígnio missionário, por isso, fugir dele é negar nossa natureza.

Podemos até nos perguntar: **como vamos ser missionários, se não batemos de porta em porta, nem estamos em outra cidade, estado ou país?** Um exemplo de missionária é Santa Teresinha, que viveu e anunciou a Boa Nova, como Jesus pediu, vivendo dentro do Carmelo, sendo uma boa cristã na relação comunitária com as outras religiosas, rezando e intercedendo pelas vocações missionárias e incentivando tantas pessoas ao serviço da missão cotidiana.

Olhamos para história de Nossa Senhora, que quando recebeu a mensagem do anjo, dizendo que seria a Mãe do Salvador, saiu e foi cuidar de sua prima Isabel. Depois, nas águas do rio Paraíba do Sul, diante da escravidão e da fome, surge a imagem de Aparecida, que veio cuidar do povo brasileiro diante da necessidade, sendo missionária e mãe que cuida de todos nós.

Se fôssemos elencar os exemplos de ação missionária, faltariam páginas para registrar e testemunhar tamanha dedicação. Assim, aqui, **o mais importante é lembrarmos que somos todos missionários por excelência e que a nossa missão é tornar o nosso maior tesouro conhecido, Jesus Cristo.**

Ser missionário é viver a essência da evangelização. Todos os anos, no mês de outubro, a Igreja promove a Campanha

Missionária, por meio das Pontifícias Obras Missionárias (POM), reafirmando nosso compromisso com a missão de anunciar o Evangelho e convidando-nos a participar ativamente da construção de um mundo mais justo, solidário e fraterno.

Antes de seu falecimento, o Papa Francisco nos deixou uma carta por ocasião do Dia Mundial das Missões (19 de outubro), convidando-nos, por meio da oração e da intimidade com Jesus, a renovar nosso compromisso como missionários da esperança entre os povos – povos que clamam por paz e por um lugar digno no mundo.

Que neste mês de outubro, todos nós possamos reacender, com esperança renovada, o ardor missionário que nos move, evangelizando com palavras e atitudes, transformando realidades marcadas pela dor, tristeza, violência e guerra, num verdadeiro mar de rosas, como dizia Santa Teresinha do Menino Jesus.

Pe. Lucas Pereira dos Santos

Coordenador Diocesano da Ação Evangelizadora Paróquia Nossa Senhora do Rocio e São Sebastião Tapira - PR



ROSANGELA JANUNZZI INÁCIO

“...a fé e o amor têm o poder de curar.”



Rosângela Janunzzi Inácio e família, arquivo pessoal

RID: Durante o período que a Vitória enfrentou a leucemia, como a fé sustentou você e sua família nos momentos mais difíceis?

Rosângela: Eu não conhecia a grandeza da minha fé, nem a profundidade da união da nossa família. Éramos uma família sem grandes problemas, que nunca havia enfrentado nenhuma enfermidade. Mas, nos momentos mais difíceis, nossa fé e união se fortaleceram ainda mais. Deixamos Deus agir.

RID: Como a vivência da catequese por parte da sua filha influenciou a forma como ela lidou com a doença e manteve a esperança?

Rosângela: Vitória sempre foi um exemplo para todos nós. Enfrentou a doença – e tudo o que ela trouxe – com uma sabedoria admirável. Aceitava cada tratamento sem reclamar, pois acreditava com convicção que ficaria bem e, um dia, se tornaria médica para contar sua história e inspirar outros pacientes.

RID: Você, como secretária paróquial, está sempre em contato com a vida da comunidade. Houve algum gesto missionário ou de solidariedade que tenha marcado esse período?

Rosângela: Com certeza, houve sim. Nossa igreja se uniu em oração pela recuperação da nossa filha, mesmo em meio à pandemia. Como a comunidade não podia se reunir presencialmente, foi criado um grupo de oração no WhatsApp chamado “Unidos pela Vitória”, em que o clamor e a fé eram constantes – chegando a alcançar a marca de duas mil Ave-Marias por dia.

Nesse mesmo grupo, eu compartilhava atualizações sobre o estado clínico dela com familiares e amigos. Mas, quando tudo parecia sem solução, parte dos integrantes passou a fazer vigílias diante do Santíssimo, intensificando ainda mais as orações.

RID: O mês missionário nos convida a sermos Igreja em saída. De que forma essa experiência pessoal transformou sua maneira de viver a missão no dia a dia?

Rosângela: Essa experiência me fez entender e aceitar que nem todas as doenças físicas são para nós. Aprendi que nossos pensamentos comandam todo o nosso corpo e que às vezes é preciso enfrentar o pior para servir de exemplo e ajudar na cura de outras pessoas. Compreendi também que precisamos ser solidários uns com os outros, porque muitas vezes o problema do outro é ainda maior que o nosso.

RID: Como mãe, que palavras de conforto você ofereceria a outras famílias que enfrentam doenças graves, especialmente sobre como manter a fé viva em meio à dor?

Rosângela: Meu conselho é: seja a Maria – mãe ou pai – que seu filho precisa. Esteja ao lado dele até o fim, sem questionar, independentemente do diagnóstico. Não desista da sua fé. **Acredite, sempre: a fé e o amor têm o poder de curar.**

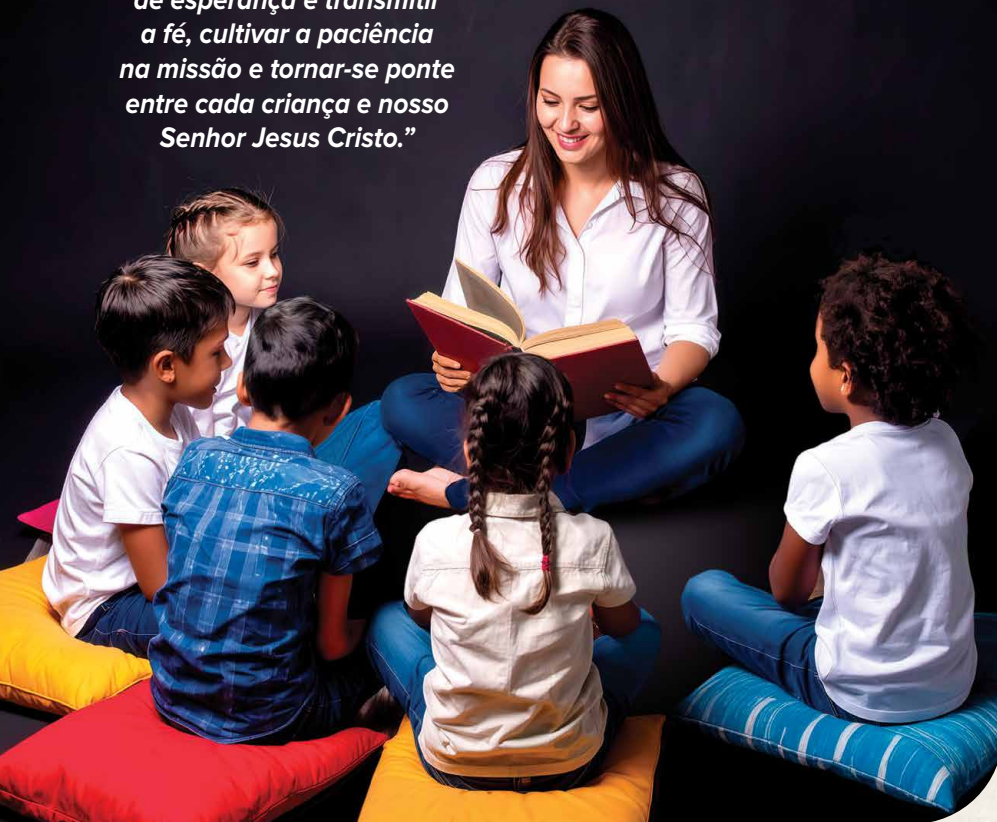
Érica Bolonhezi

Jornalista Diocesana e Pascom Umuarama - PR



CATEQUISTA: Missionário de Esperança

“Ser missionário de esperança é transmitir a fé, cultivar a paciência na missão e tornar-se ponte entre cada criança e nosso Senhor Jesus Cristo.”



Catequese, Hultsifred

Para iniciar esta partilha sobre minha vivência como catequista, tomo emprestado o refrão do hino do Jubileu 2025: “*Chama viva da minha esperança. Este canto suba para ti. Seio eterno de infinita vida. No caminho eu confio em Ti.*”

Inspirado por essas palavras, reconheço que ser missionário da esperança, especialmente entre os catequistas, não é tarefa fácil. Mas com amor, fé e comprometimento, é possível ir além.

A dedicação é essencial, pois ser missionário de esperança é levar conhecimento àqueles que o buscam. No entanto, essa missão também depende do incentivo dos pais, que têm o importante dever de conduzir seus pequenos até nós, catequistas, e de manter viva, em casa, a semente de fé que plantamos em cada criança.

Nossos esforços precisam acontecer em ação conjunta: uma verdadeira força-tarefa, pois família e Igreja devem caminhar lado a lado, na mesma direção. A família tem a missão de ser solo fértil: depois que plantamos a semente, são eles os responsáveis pela rega, pela poda quando necessária, e também os primeiros a colher os bons frutos.

Ser missionário de esperança é transmitir a fé, cultivar a paciência na missão e tornar-se ponte entre cada criança e nosso Senhor Jesus Cristo. É ensinar e aprender, pois acompanhar o crescimento de cada criança na fé faz uma diferença grandiosa, tanto na vida de quem se dedica a ensinar quanto na daqueles que se empenham em aprender.

Em um mundo repleto de desafios e barreiras, o missionário de esperança caminha na contramão do modernismo que tenta apagar nossa fé. Nossa formação se fundamenta nos ensinamentos deixados por nosso Senhor, pois é somente Ele quem nos dá força para perseverar e permanecer firmes no propósito de ensinar, instruir e testemunhar a fé.

Nessa jornada de ensinamento, encontramos muitos adultos que não tiveram iniciação à vida cristã na infância e que agora buscam conhecer e viver a fé. Como nunca é tarde para semear, lançamos também sementes nos corações daqueles que se abrem ao chamado. A germinação e os frutos dependerão de cada um. Infelizmente, algumas dessas sementes caem em solos espinhosos, onde a fé é recebida apenas como um rito e o compromisso acaba se perdendo na acomodação.

Nossa esperança, como missionários, é ver essas sementes um dia plantadas, germinarem e darem bons frutos, levando o conhecimento da fé a outras crianças e adultos, seja como catequistas ou em qualquer outro ministério. Afinal, nossa Igreja é rica em missões e vocações; basta conhecer, discernir e escolher o caminho que se deseja seguir.

*Sejamos semeadores, do bem, do Evangelho, de esperança!
“A messe é grande, mas os operários são poucos” (Mt. 9, 37).*

Por fim, o Papa Francisco (*in memoriam*) nos legou uma compreensão profunda e tocante sobre o papel do catequista. Para ele, ser catequista não é exercer uma função, mas abraçar uma vocação: um chamado que transforma o modo de viver, de pensar e de se relacionar com os outros. Transmitir a fé, segundo sua visão, é muito mais do que ensinar doutrinas: é testemunhar com alegria, autenticidade e amor aquilo que se vive. É fazer da própria vida um reflexo do Evangelho, capaz de tocar corações e acender esperanças.

**Alice dos Santos
Bruno Silva**
Coordenadora de Catequese
Paróquia Santo Expedito
Umuarama - PR



A missão testemunhal dos cristãos: anúncio pessoal e comunitário da fé

Queridos irmãos e irmãs em Cristo,

Omês de outubro, na Igreja no Brasil, é outro mês temático de oração e reflexão. Na sequência dos meses anteriores, nos quais a Igreja convida os fieis a revisitarem temas importantes da vida eclesial da fé, no mês de outubro, voltamos à temática da vida missionária da Igreja.

Por isso, este mês é dedicado à reflexão e à oração pelas missões. Além disso, ainda somos convidados a considerar que o ano de 2025 é um grande chamado à oração. É um ano de extraordinária graça divina na Igreja, por ser um Ano Jubilar (Jubileu de Esperança); é, ainda, o ano no qual se celebram os sessenta anos da conclusão do Concílio Ecumênico Vaticano II.

Há sessenta anos, a Igreja encerrava solenemente as sessões conciliares que possibilitaram um profundo e intenso processo de retorno às fontes da fé e uma abertura às realidades hodiernas da sociedade. Neste quadro, inserem-se as missões, enquanto essência e “ser” da Igreja, isto é, a atividade missionária da Igreja enquanto sua atividade primária: “anunciar o Evangelho a toda criatura” (Mc 16,15).

A “alma” da Igreja, portanto, é sua vocação missionária, enquanto sacramento de salvação no mundo.

Neste presente fascículo, queremos trazer à tona as definições conciliares do Concílio Vaticano II sobre as missões. Dentre dos documentos promulgados, há o Decreto “*Ad gentes*”, com reflexões sobre a atividade missionária da Igreja. Afirmo o documento que, por ser a cumpridora do mandado apostólico de levar a mensagem da Boa-nova a todas as gentes, a Igreja responde a um chamado missionário, procurando, incansavelmente, anunciar o Evangelho a todos os homens e mulheres (n. 1). A Igreja, sendo enviada pelo próprio Cristo-Fundador, tem como dever propagar a fé e a salvação de Cristo, na comunhão com todo o Corpo eclesial (união entre bispos, presbíteros, diáconos e fieis leigos).



Santas Missões Populares, arquivo

A necessidade das missões é a própria necessidade e urgência da salvação, pois, é querer do Pai “que todos os homens sejam salvos e cheguem ao pleno conhecimento da verdade” (1Tm, 2,4).

Por isso, a Igreja anuncia a verdade evangélica, em vistas da conversão e adesão à vida eclesial, por meio do batismo. Assim o faz, porque é um **imperativo evangelizar**: a atividade missionária, conforme afirma o documento conciliar, desenrola-se entre o primeiro e o segundo advento do Senhor (n. 9). O Senhor tem pressa da salvação dos povos!

Para o cumprimento do mandato apostólico de evangelizar, a atividade missionária eclesial é exercida de diferentes modos. O primeiro e o mais importante é o testemunho (pessoal-comunitário) e o diálogo. Testemunho, porque ele cativa por **atração**; diálogo, porque o Senhor não age por **coação**, nem força entradas. O Senhor **aguarda** uma resposta. Espera a colheita no seu devido tempo. Assim, os cristãos, com seu modo vivencial autêntico da fé recebida e imbuídos de pleno amor, vão, pouco a pouco, abrindo o acesso mais pleno a Deus às outras pessoas (n. 12).

O testemunho, primeiramente pessoal, torna-se **comunitário**, afinal, a atividade missionário-evangelizadora é dever e responsabilidade de cada cristão, inserido no corpo comunitário da Igreja. Essa ação individual-comunitária apregoa a mensagem da salvação, que conclama uma mudança progressiva de mentalidade e de

costumes, manifestando-se e desenvolvendo-se com as suas consequências sociais, conforme diz o decreto conciliar (n. 13).

Os frutos missionários correspondem ao nascimento de autênticas comunidades de fiéis, que, levando uma vida digna da vocação que receberam, nelas exercem, com máxima correspondência, as funções a eles confiadas por Deus: serem **sacerdotes, profetas e reis** (tríplice múnus cristão). A comunidade cristã torna-se sinal da presença de Deus no mundo, em união aos ministros ordinários e extraordinários: catequistas, religiosos e o clero local (n. 15-19).

Com isso, evidencia-se que o decreto “*Ad gentes*” é claro ao afirmar que todo o Povo de Deus cumpre um dever missionário, com consciência e responsabilidade. Clero e leigos, enquanto fieis batizados, exercem um apostolado missionário. Ambos participam da riqueza da diversidade na unidade, dos variados membros do único Corpo místico de Cristo, sua Cabeça.

Revisitar os documentos conciliares é permitir, novamente, que o vento do Santo Espírito adentre às mentes e corações dos fieis, a fim de que jamais se esqueçam do Amor de Deus, que inflama e impele. Conhecer a Cristo é um evento transformador, um ato de amor radical e uma necessidade de todos. Evangelização pessoal e, ao mesmo tempo, comunitária.

Portanto, uno-me em prece aos fieis diocesanos de Umuarama, para que, hoje e sempre, sintam o ardor missionário que brota da Palavra de Jesus. Que cada fiel batizado, em união a toda diocese, seja, nas palavras de São Humberto Urtado, “um fogo que acende outros fogos”, compreendendo o que diz São Paulo: “ai de mim se eu não evangelizar” (1Cor 9,16).

Unido a todos no amor de Cristo,

**Pe. Bruno Raphael
da Cunha Dobicz**
Adm. Paroquial
da Paróquia São Tomé
Mestre e Professor
da PUC-PR





A Infância Missionária e o Jubileu de Esperança

Neste mês dedicado à missão e à infância, somos convidados a renovar a esperança que nasce do coração generoso dos pequenos. É tempo de olhar para eles como exemplo de fé, partilha e compromisso com o Evangelho.



O período mais importante da vida humana é a infância. Sem dúvida, é nela que se formam a personalidade e o conjunto de lembranças que nos acompanharão ao longo da jornada, influenciando-nos para o bem ou para o mal.

Recordo com carinho dos meus 7 a 8 anos de idade, na escola, quando juntávamos os amigos atrás do prédio na hora do lanche. Dividíamos e partilhávamos o que cada um tinha levado e ninguém ficava sem comer ou beber. Depois, rapidinho, terminávamos e queríamos aproveitar o restante do tempo do recreio para brincar.

Uma das nossas brincadeiras favoritas era fingir que éramos descobridores de segredos. Inventávamos missões uns para os outros – desde ler escondido o caderno da menina mais bonita da sala até colocar besouros no estojo dos mais medrosos.

Cada missão era mais maluca que a anterior, mas todas eram levadas a sério: quem não cumpria virava alvo de chacota.

Estamos no mês de outubro, reconhecido como o Mês Missionário: um tempo especial para lembrarmos do nosso compromisso com a comunidade. Na Igreja de Cristo, todo batizado é chamado a ser missionário. No dia 19, celebraremos o Dia Mundial das Missões, com o tema escolhido pelo saudoso Papa Francisco: **“Missionários da Esperança entre os Povos”, e o lema bíblico: “A esperança não decepciona” (Rm 5, 5).** Essa data é dedicada à oração e à solidariedade, com arrecadações destinadas a apoiar a missão da Igreja em regiões que mais precisam.

“Deixai vir a mim estas criancinhas e não as impeçais, porque o Reino dos Céus é para aqueles que se lhes assemelham”
(Mateus 19, 14).

Jesus é o Missionário do Pai, cumprindo o que Isaías profetizou “Então ouvi a voz do Senhor, conclamando: **“Quem enviarei? Quem irá por nós?” Eu respondi: Eis-me aqui. Envia-me!**”, (Isaías 6, 8). Assim, para Jesus, a vida é missão. Uma missão que é caminho, que dá liberdade e que abre o coração para o outro, para a comunidade e para a fraternidade.

Veja como minha lembrança e a pessoa de Jesus fazem sentido, afinal as “criancinhas” são o modelo para quem quer entrar no Reino de Deus. Jesus disse-lhes: **“Deixai vir a mim estas criancinhas e não as impeçais, porque o Reino dos Céus é para aqueles que se lhes assemelham”** (Mateus 19, 14).

A Igreja, missionária de Jesus, tem um olhar especial para as



Infância Missionária, arquivo



crianças. Por meio da Infância Missionária – também conhecida como Infância e Adolescência Missionária (IAM) –, essa obra pontifícia envolve crianças e adolescentes no espírito da missão, despertando neles a consciência missionária e incentivando-os a partilhar a fé e os bens materiais com outras crianças em situação de necessidade ao redor do mundo.

A Infância Missionária foi fundada em 1843, na França, por Dom Charles de Forbin-Janson, com o nome de Obra da Santa Infância. Inspirado pela dura realidade de crianças chinesas que sofriam e morriam sem conhecer a fé católica, ele deu início a essa obra de evangelização voltada à infância. No Brasil, a iniciativa chegou em 1858 e, desde então, tem se espalhado por diversos países. Em 1922, foi oficialmente reconhecida como obra pontifícia pelo Papa Pio XI.

A IAM se organiza em grupos, geralmente compostos por 12 crianças, em referência aos 12 apóstolos de Jesus. Cada grupo escolhe um santo padroeiro e define um lema que inspire seu trabalho missionário. Crianças e adolescentes participam de encontros semanais, nos quais refletem sobre a realidade das missões, cultivam a espiritualidade missionária, assumem compromissos concretos e fortalecem a vivência em grupo.

Por meio da metodologia de “criança ajudando criança”, a IAM incentiva a oração, o sacrifício (como uma pequena oferta mensal) e gestos de solidariedade. Crianças e adolescentes de todas as dioceses podem participar, sendo motivados a serem evangelizadores de outras crianças.

Neste mês de outubro – também dedicado às crianças –, somos

convidados a resgatar nossa criança interior e renovar o compromisso com a missão, caminhando ao lado dos pequenos missionários de nossa paróquia. Por isso, que tal visitar um grupo da IAM e encorajá-los a viver com alegria e dedicação o chamado que receberam?

Afinal, **“Porque o Senhor assim no-lo mandou: Eu te estabeleci para seres luz das nações, e levars a salvação até os confins da terra”,** (Atos dos Apóstolos 13,47). Paz e bem!

Paulo Angelo Lourenço dos Santos
Formador das Escolas Catequéticas Decanais
Paróquia Nossa Senhora de Fátima – Santuário Eucarístico Diocesano – Cianorte - PR



A Palavra de Deus: sustento das comunidades missionárias

“A tua palavra é lâmpada que ilumina os meus passos e luz que clareia o meu caminho” (Sl, 119)

A Palavra de Deus é o fundamento espiritual das comunidades cristãs, oferecendo luz, direção e força para viver em comunhão com Deus e com os irmãos. Mais do que um livro, ela é a voz viva do Senhor que renova a esperança, fortalece a fé e inspira a caridade.

Quando uma comunidade se alimenta da Escritura, torna-se vibrante, profética e missionária.

Nas primeiras comunidades cristãs, a Palavra de Deus ocupava lugar central: era escutada, vivida e partilhada com fé. Essa prática continua atual, pois

a Palavra tem poder de transformar, curar, orientar e alimentar espiritualmente, sendo fonte de vida e esperança.

A Palavra não é um relato histórico ou uma história contada de geração em geração, é sempre viva eficaz e transformadora. Não se trata apenas de escutar com os ouvidos, mas com o coração. A comunidade que escuta e vive a Palavra se torna discípula. Mais do que repetir versículos, é preciso permitir que a Palavra molde a mentalidade, as atitudes e as decisões do povo de Deus. A escuta orante – como na prática da *lectio divina* – permite que cada fiel mergulhe na voz de Deus e encontre nela sentido para a própria existência.

Além de sustento, a Palavra é critério de discernimento. Numa sociedade marcada por contradições, violências e falsas promessas, injustiça, consumismo, ideologias e polarizações a comunidade que caminha à luz da Palavra aprende a distinguir o que vem de Deus e o que afasta Dele. A Palavra denuncia

injustiças, aponta o pecado, mas também anuncia a misericórdia e a salvação. Quando assumida de forma comunitária, ela não permite acomodações, mas provoca conversão e compromisso com os pobres, os pequenos e os excluídos.

É urgente recolocar a Palavra de Deus no centro da vida comunitária. A verdadeira renovação vem da escuta fiel das Escrituras, que devem fundamentar toda ação pastoral e evangelizadora.

A Palavra de Deus também sustenta a comunidade na missão. Ela não é um tesouro a ser guardado, mas um dom a ser anunciado. Uma comunidade que se alimenta da Palavra sente a necessidade de partilhá-la.

Da escuta brota o anúncio, da meditação nasce o testemunho. Como o profeta Jeremias, que dizia: “Quando encontrei tuas palavras, devorei-as; elas eram a alegria e o júbilo do meu coração” (Jr 15,16), os membros da comunidade são chamados a saborear e anunciar essa Palavra com alegria e ardor missionário.

Que nossas comunidades redescubram o valor da Palavra de Deus como sustento diário. Que ela seja proclamada com fervor, meditada com profundidade, partilhada com generosidade e vivida com autenticidade. Só assim seremos comunidades firmes, vivas e enraizadas em Cristo, a Palavra eterna do Pai.

Diác. Márcio Henrique Lopes

Professor, Especialista em Liturgia e Ciência da Religião
Paróquia Nossa Senhora das Graças
Cianorte-PR

A importância de Maria na liturgia

A Liturgia é um elemento constitutivo da santa e viva tradição, refletindo a crença da Igreja na poderosa intercessão de Maria. As fórmulas litúrgicas, enraizadas na *Lex organdi, Lex credendi*, (o que a Igreja reza é o que a Igreja crê) manifestam a fé da Igreja na Mãe de Deus.

Assim, a devoção mariana tem bases sólidas na fé da Igreja, ensinando-nos como orar e venerar Maria. Nas orientações da Igreja: “*Maria está intimamente ligada ao mistério do Filho, e sua missão está unida à Dele, desde o seu nascimento até a cruz e ressurreição. Por isso, desde o início, a intuição da fé incluiu na memória da Páscoa de Jesus a memória de sua mãe, valendo-se de sua intercessão e olhando Maria como a ‘cheia de graça’, símbolo do Israel fiel, a discípula grávida do Verbo, a primeira entre os discípulos e discípulas de Jesus, aquela que acreditou e que seguiu Jesus até o fim.*” (Penha Carpanedo, in Liturgia em Mutirão, “O lugar de Maria na liturgia”, p. 209, edições CNBB, 2007).

A devoção mariana, presente entre o povo, reflete o amor das tradições católica e ortodoxa pela Mãe de Deus. Esse carinho se manifesta em títulos, santuários, celebrações, ritos e procissões ao redor do mundo.

O Concílio Vaticano II, com o capítulo oitavo da *Lumen Gentium*, coloca, com todas as letras, quem é Maria na história da Salvação, seu papel de Mãe de Deus e da Igreja e sua mediação materna; com a *Sacrosanctum Concilium* (documento sobre a liturgia), situando o Mistério Pascal como centro de toda a história da



Virgem Maria, Menino Jesus e anjos - Sandro Botticelli

salvação, coloca as testemunhas desse mistério nas celebrações dos próprios mistérios de Cristo, especialmente a bem-aventurada Virgem Maria, Mãe de Deus, em quem vê e exalta o mais excelso fruto da redenção (SC 103).

MARIA NA LITURGIA: UM LUGAR DE HONRA

A veneração de Maria na Liturgia expressa sua íntima união com os mistérios de Cristo. Ao longo da história, as mais autênticas formas de piedade mariana surgiram no contexto litúrgico, sendo sua lembrança diária na Oração Eucarística um sinal claro da importância dessa devoção.

A Encarnação e a Eucaristia estão profundamente ligadas à figura de Maria, que ofereceu ao mundo o corpo e o sangue de Cristo. Por isso, na celebração eucarística, a Igreja recorda sua entrega, invoca sua intercessão e vive, com reverência, a comunhão com sua presença materna.

A devoção mariana fortalece o vínculo pessoal com a Mãe de Deus, despertando a vocação missionária e atraindo diversos grupos – inclusive os mais distantes – ao coração do Pai. Como afirma o Documento de Puebla: “A piedade mariana é um vínculo resistente de manter fiéis à Igreja setores que carecem de atenção pastoral adequada” (Documento de Puebla, 284).

Em Maria, Mãe e modelo da Igreja, os leigos descobrem sua identidade e missão como servidores dos irmãos. Como discípula perfeita da Palavra, “Fazei tudo o que Ele vos disser” (Jo 2,5), ela nos inspira a viver segundo as Escrituras, aproximando-nos de Jesus e promovendo comunhão, solidariedade e fraternidade na Igreja.

MARIA NO ANO LITÚRGICO

A Liturgia do Advento revela desde cedo a veneração da Igreja à Maria, sempre em referência a Cristo. Nas celebrações do Natal, sua presença é especialmente destacada, como na Imaculada Conceição e na Sagrada Família.

Ao longo do Ano Litúrgico, diversas celebrações – a Anunciação, a Visitação, a Assunção e outras – reafirmam o papel singular de Maria na vida da Igreja. Como templo vivo do eterno Sacerdote e modelo de oração (cf. Hb 7,25), suas atitudes inspiram a espiritualidade e o culto cristão, refletidos especialmente na oração diária do *Magnificat*.

Pe. Othon Etienne

Administrador Paroquial
Paróquia Santo Antônio
Serra dos Dourados - PR

Ide!

(Mc 16,15)



Simone Fernandes em missão na Amazônia, arquivo pessoal

A bordar o tema da Vocação e Missão na Igreja, de forma conclusiva, é algo profundamente especial e necessário para os nossos tempos. Isso se torna ainda mais relevante porque estamos construindo uma cultura vocacional. Isto é, um legado que podemos (e devemos) deixar às futuras gerações, que chegam com rapidez e urgência, clamando por sentido e direção.

Nossa primeira vocação é a vocação à vida: dom precioso que recebemos de Deus. E é pelo batismo que nos tornamos, essencialmente, missionários. Ser missionário ou missionária na Igreja, na família, na própria comunidade ou naquela que ainda busca fazer parte do Evangelho, é, acima de tudo, participar da construção do Reino de Deus, ao qual pertencemos por graça e chamado.

MAIS DO QUE FAZER MISSÃO, É SER MISSÃO!

Assumir uma missão na Igreja é uma tarefa exigente e profundamente gratificante. Ela nos convida a viver com alegria, determinação, empatia, colaboração, criatividade e tantos outros dons que o serviço exige. O mais bonito nessa caminhada é perceber

“A missão começa no coração de quem se doa com amor.”

que, justamente quando nos doamos com amor, é quando mais recebemos d’Ele.

Nosso saudoso Papa Francisco ensina que “a vocação missionária é um chamado universal na Igreja, onde cada batizado é chamado a ser “discípulo missionário” de Jesus Cristo. Ele descreve a vocação como um dom de Deus que pede uma resposta humana de amor e partilha, inspirando os fiéis a saírem “em missão” junto aos mais necessitados, vivendo a alegria de anunciar o Evangelho no mundo”.

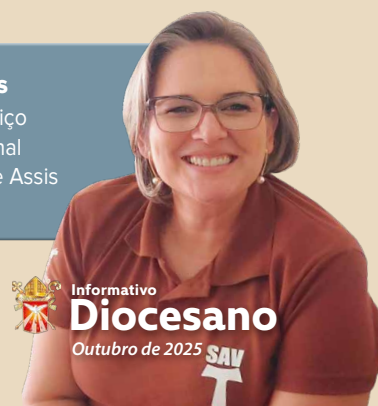
Meus irmãos e irmãs em Cristo, não tenha medo e tenha coragem!

Venha assumir seu lugar na Igreja, para que juntos possamos fortalecer, dia após dia, o Reino de Deus – na minha vida, na sua vida e na vida de cada irmão que mais precisa.

Paz e bem!

Simone Fernandes

Coordenadora do Serviço de Animação Vocacional
Paróquia São Francisco de Assis
Umuarama - PR



A Educação Familiar

Berço da Missão Cristã



Família e Sagrada Família, iStockPhoto / Etsy

Caros irmãos em Cristo,

No mês de outubro, a Igreja renova o chamado à sua essência evangelizadora, recordando-nos de nossa vocação como discípulos missionários de Cristo. A cada ano, ao refletirmos sobre o tema da missão, reacendemos a chama que arde em nossos corações, impedindo que ela se apague. Esse ardor missionário, infundido por Cristo, impulsiona-nos a ir ao encontro dos irmãos e irmãs espalhados pelos quatro cantos da Terra.

A missão da Igreja não começa nos púlpitos, nem nos grandes eventos. Ela começa no lar. **A família é o primeiro espaço onde a fé é vivida, ensinada e testemunhada.** É ali, no cotidiano simples e muitas vezes silencioso, que se forma o coração missionário. A vida familiar é uma verdadeira escola de discipulado.

A família, reunida ao redor da mesa das refeições ou das orações, é semente no coração dos filhos e netos. Antes mesmo de a criança compreender os

ensinamentos da catequese, ela já é tocada pela fé por meio do exemplo dos pais, da oração em família, do modo como se vive o amor, o perdão, a solidariedade e a vida em comunidade.

O Catecismo da Igreja Católica (1656) afirma que o lar cristão é o lugar onde os filhos recebem o primeiro anúncio da fé. Os pais são os primeiros catequistas, chamados a transmitir não apenas doutrina, mas vida. Quando os pais vivem sua fé com autenticidade, os filhos são naturalmente atraídos para Deus.

Família que reza unida, permanece unida.

Jesus, o Filho de Deus, quis nascer e crescer em uma família. Em Nazaré, Maria e José foram seus educadores. Foi ali que Ele aprendeu a escutar, a obedecer, a trabalhar e a amar. A missão de Cristo começou no silêncio da vida familiar, mostrando que a educação no lar é o aliado da missão pública.

Toda vocação nasce de um chamado divino, mas esse chamado é muitas vezes percebido e cultivado na família. Pais que rezam com os filhos, que os levam à missa, que falam sobre a vida dos santos e que vivem com generosidade estão semeando vocações sacerdotais, religiosas e missionárias. O ardor missionário começa em casa e depois se irradia na vida da comunidade.

São João Paulo II dizia com sabedoria: “O futuro da humanidade passa pela família.” E podemos afirmar com igual convicção: o futuro da missão também.

A educação familiar para a missão não é apenas para os filhos. Nós, pais, somos também chamados a viver a nossa missão no mundo, como evangelizadores em nossos ambientes de trabalho, na comunidade e na sociedade. A família que vive sua fé com alegria e coragem torna-se luz para outras famílias. Essa luz começa a brilhar dentro de casa. Uma família que ora junta, que perdoa, que serve e que escuta a Palavra se torna um verdadeiro farol da presença de Deus no mundo. E isso nos leva a saírmos de nós e irmos ao encontro de nossos irmãos, principalmente os mais necessitados.

A missão da Igreja depende de famílias que formem corações abertos ao chamado de Deus. A educação familiar é mais do que uma responsabilidade: é uma vocação.

Que nossas casas sejam verdadeiras escolas de santidade, onde cada gesto, cada palavra e cada silêncio eduque para o amor e prepare para a missão. Que a Sagrada Família, interceda por todas as famílias, para que sejam fecundas na fé e generosas na missão.

Um abraço!

Diácono Adriano Pereira Lopes

Paróquia
São José Operário
Umuarama - PR





Outubro Rosa

Cuidar da Vida, Dom de Deus

Um convite à prevenção, à solidariedade e à fé cristã diante do sofrimento.

O mês de outubro se tornou, em muitos países, ocasião privilegiada para a reflexão e a conscientização sobre a importância da prevenção e do cuidado com o câncer de mama. A campanha **Outubro Rosa** surgiu para lembrar a todos sobre a necessidade de atenção à saúde, a realização de exames preventivos e a busca de tratamento adequado. Como Igreja, sentimos o dever de integrar-nos a esse movimento de cuidado com a vida, trazendo para a luz da fé cristã a dimensão espiritual desse compromisso humano e social.

A Palavra de Deus nos recorda que o corpo é templo do Espírito Santo (cf. 1Cor 6,19). Cuidar da própria saúde, portanto, não é apenas uma recomendação médica, mas um ato de responsabilidade cristã.

Quando promovemos a prevenção, estamos também cultivando a vida que Deus nos concedeu como dom precioso. Nesse sentido, a campanha Outubro Rosa encontra profunda sintonia com a mensagem evangélica: a defesa da vida, em todas as suas etapas e circunstâncias.

Entretanto, a luta contra o câncer de mama não é apenas questão individual. Trata-se também de um chamado comunitário. Cada mulher que enfrenta a dor do diagnóstico e do tratamento precisa sentir-se amparada por uma rede de solidariedade: família, amigos, profissionais de saúde e também pela comunidade de fé. A Igreja, como mãe e mestra, é chamada a se fazer próxima, a oferecer escuta, acolhimento



e oração. Como nos lembra o Papa Francisco, a Igreja deve ser sempre um “hospital de campanha”, pronta a curar feridas e a estender a mão a quem mais sofre.

É importante recordar que o sofrimento causado pela doença não se restringe ao corpo. Ele toca a alma, as relações familiares, a autoestima, os projetos de vida. Daí a necessidade de um olhar integral.

O anúncio do Evangelho nos convida a cuidar não apenas do físico, mas também do coração ferido e da esperança abalada. A Pastoral da Saúde, os grupos de oração e tantas iniciativas paroquiais podem desempenhar um papel fundamental no apoio espiritual às pessoas que passam pelo tratamento.

A campanha Outubro Rosa também é uma oportunidade para reforçar a importância da prevenção. Muitas vidas podem ser preservadas pelo simples gesto de realizar periodicamente os exames recomendados, como a mamografia. Nesse contexto, a Igreja pode contribuir por meio da organização de palestras, rodas de conversa, encontros de conscientização, sempre em parceria com profissionais da saúde. Tais iniciativas não competem com a missão espiritual da Igreja, mas a completam, pois, a salvação que Cristo nos oferece é sempre uma salvação integral, que envolve corpo e alma.

Ao mesmo tempo, não podemos esquecer a dimensão da oração. Como

comunidade cristã, somos chamados a rezar pelas mulheres e homens em tratamento, por seus familiares e por todos os profissionais que dedicam sua vida a cuidar da saúde. **Oração e solidariedade se unem e se tornam expressão viva da caridade.**

Participar do Outubro Rosa é, para nós cristãos, reafirmar o compromisso de ser discípulos daquele que veio para que todos tenham vida e a tenham em abundância (cf. Jo 10,10).

Que nossas comunidades se tornem espaços de esperança, onde ninguém se sinta sozinho em sua dor. Igualmente, que cada gesto de cuidado, de prevenção e de solidariedade se torne sinal do amor de Deus que nunca abandona os seus filhos.

Que este Outubro Rosa seja para todos nós um momento de conversão pastoral e de compromisso bioético: cuidar da vida, prevenir o sofrimento evitável, apoiar quem está em luta e afirmar, com gestos concretos, que o amor de Deus se traduz em solidariedade, compaixão e cuidado. Um abraço fraterno e até o próximo mês.

Padre Sérgio Grigoletto

Mestre e Doutor em Teologia Moral / Bioética. Pároco da Paróquia Sagrado Coração de Jesus - Cianorte - PR



DIA NACIONAL DA JUVENTUDE

2k25 DNJ

Firmes na Esperança!

“Um dia do ano em que milhares de jovens se reúnem para manifestar seu amor a Deus e a Igreja”

Você, caro leitor, já ouviu falar no DNJ? Pois bem, o DNJ é o Dia Nacional da Juventude, uma iniciativa da Igreja para reunir as expressões juvenis em um único objetivo: **o seguimento a Jesus Cristo de uma maneira jovem.**

Vamos entrar um pouco na história... O Dia Nacional da Juventude surgiu em 1985, como uma atividade permanente da Igreja Católica no Brasil, sendo realizado pelas dioceses em todo o país. Com total apoio dos nossos líderes, o DNJ quer **celebrar a vida dos jovens de forma alegre, descontraída e comprometida com a verdade da fé cristã e com o anúncio de Jesus Cristo.**

Nesse dia, especificamente, todas as expressões juvenis, sejam quais forem os carismas, reúnem-se num só coração.

Geralmente, o DNJ acontece no último domingo de outubro (com exceção dos dias de eleição) e é comemorado em todo o país. As atividades podem variar de diocese para diocese, dependendo de seus contextos e de suas realidades sociais e culturais.

De modo geral, o DNJ é composto por diversos momentos essenciais: celebração da Santa Missa, oração, iniciativas sociais, pregação, feiras vocacionais, partilhas de vivências, confraternização e, de forma saudável e responsável, muita diversão, com shows, atrações e música.



Vamos ao que interessa? Porém, antes, uma curiosidade:

Você sabia que a Diocese de Umuarama possui o segundo maior DNJ do Paraná?

Pois bem, nossa Igreja acredita tanto nesse projeto, que o nosso Dia da Juventude é considerado o segundo maior do estado, ficando atrás apenas do realizado na capital, Curitiba. Por aqui, **o DNJ acontecerá na Paróquia Santo Antônio, na cidade de Indianópolis, no dia 26 de outubro.**

Toda a preparação está sendo conduzida pelo Setor Juventude, com o apoio da própria comunidade local. E, este ano, teremos um “gostinho” especial: além do DNJ, celebraremos também o **Jubileu da Juventude!**

Falando no Ano Jubilar, cujo tema é “Peregrinos de Esperança”, nosso DNJ seguirá sob o lema **“Firmes na Esperança”**, contando com a intercessão de santos jovens que nos inspiram, como:

Carlo Acutis, Chiara Corbella e Santa Teresinha.

A programação terá início às 8h, com a celebração da Santa Missa. Ao longo do dia, diversas atividades voltadas à evangelização dos nossos jovens serão realizadas, sem deixar de lado os momentos de lazer e convivência, com praça de alimentação disponível. Entre as atrações, teremos as apresentações do **DJ Lucas Augusto** e dos cantores **Clayra Coutinho** e **Flávio Vitor**, além da participação especial dos ministérios juvenis da nossa Diocese.

O DNJ é um dos eventos mais aguardados pela nossa juventude e a expectativa é receber milhares de participantes – isso mesmo, milhares! – Vale lembrar que o evento é totalmente gratuito e aberto a pessoas de todas as idades.

Só para aguçar a curiosidade: o local do DNJ 2026 já está definido e será em uma cidade muito especial... Mas calma! O anúncio oficial será feito no dia 26 de outubro. Afinal, revelar antes tira toda a graça, não é mesmo?

Para mais informações, organizar sua caravana ou adquirir os itens do evento – como kit, camisetas, caneca, adesivos e boné – basta acessar nosso perfil no Instagram: **@setordiocesanodajuventude**. É só clicar no link da bio ou conferir as postagens e reels disponíveis.



Nos vemos no dia 26 de outubro em Indianópolis... Até lá!

Padre João Henrique Santana

Assessor do Setor Diocesano da Juventude
Vigário da Paróquia São José Operário Umuarama - PR





Leonardo dos Santos

DIÁCONO E SEMINARISTA

*“Perseveremos,
pois Aquele
que nos chamou
é fiel”*

RID: Diácono Leonardo, poderia nos contar um pouquinho sobre onde nasceu, o ano, o nome dos seus pais e irmãos?

LEONARDO: Nasci em 1997, na comunidade rural de Gurucáia, pertencente ao município de São Jorge do Patrocínio. Sou o caçula de Fátima dos Santos Moraes e Claudinei Longui de Moraes, e irmão de Crisleiane dos Santos Moraes. Tenho dois sobrinhos, João Pedro e José Henrique.

RID: Como sua família recebeu a sua decisão de seguir a vida religiosa?

LEONARDO: Meus pais nunca foram contrários à minha decisão. Porém, sinto que, quando entrei no seminário em 2018, ainda não tinham a real dimensão da importância dessa escolha nem da grandeza do ministério que começava a se desenhar. Com o tempo, foram assimilando essa nova realidade e, agora, quase oito anos depois, percebo que ainda estão nesse processo de entendimento, mas sempre acolhem tudo com naturalidade e com um sincero espírito de gratidão.

RID: Como você tem se preparado espiritualmente para a ordenação? Há alguma prática especial de oração, retiro ou acompanhamento espiritual?

LEONARDO: A Missa é sempre a minha prioridade; participo dela diariamente. Além disso, rezo a Liturgia das Horas,

oração que tem como propósito santificar os momentos do dia. Pela manhã, rezo as Laudes e, à noite, as Completas. Essa prática faz parte da vida de todos os ministros ordenados, que, diante do Bispo, assumem o compromisso de rezá-la em unidade com toda a Igreja. Também considero indispensável a oração do terço, tanto o mariano quanto o da misericórdia. Em alguns dias, disponho de mais tempo para me dedicar à oração: nesses momentos, costumo estar em Adoração ao Santíssimo, em leitura da Palavra de Deus ou de textos espirituais. Por fim, a música sempre me acompanha, pois acredito que certas canções têm o poder de tocar profundamente a alma.

RID: O que mais te emociona ao pensar na celebração da sua ordenação? Existe algum gesto ou momento que você espera com o coração mais aberto?

LEONARDO: Desde já, todo o processo de preparação para a ordenação – a escolha das músicas, a formação da equipe litúrgica e a definição das pessoas que estarão mais próximas de mim – tem sido profundamente emocionante. Pela providência de Deus, minha ordenação coincidirá com a abertura do Jubileu de Ouro da Paróquia Imaculada Conceição, em São Jorge, que celebrará seus 49 anos de fundação. Esse fato traz ainda mais significado, pois se tornará um momento histórico para toda a comunidade. Em nível muito pessoal, aguardo com grande expectativa o instante em que me revestirei com a casula, a veste própria do sacerdote. No entanto, o que mais me emociona é poder viver tudo isso ao lado de pessoas tão queridas e importantes para mim. Desde já, meu coração transborda de alegria.

RID: Qual mensagem você gostaria de deixar para os jovens que estão discernindo sua vocação?

LEONARDO: O discernimento exige silêncio e discrição: silêncio para escutar a voz de Deus e discrição para que a euforia exterior não nos distraia. Aos que já iniciaram a caminhada, aconselho paciência, pois chega ao destino aquele que resiste às tempestades. Devemos estar sempre dispostos a ouvir o Santo Padre, o Papa, nosso Bispo Dom João Mamede, bem como os formadores e professores; escutar e aprender também é um ato de humildade e de caridade. O período formativo é simples, mas cada etapa traz sua estrutura, suas dificuldades e suas exigências próprias; a nós cabe respeitar o processo e sermos fiéis a ele. Perseveremos, pois Aquele que nos chamou é fiel.

Diácono Leonardo dos Santos Moraes

Diácono e Seminarista
Paróquia de Origem:
Imaculada Conceição
Pastoral; Divina
Misericórdia de
Cianorte São Jorge
do Patrocínio - PR



Ordenação Diacnal de Leonardo dos Santos, arquivo



Papa Leão XIV nomeia Monsenhor Frei Pedro Cesário Palma novo bispo da Diocese de Jardim (MS)

O Papa Leão XIV nomeou, no dia 22 de agosto, o Frei Pedro Cesário Palma, OFM Cap., como bispo da Diocese de Jardim (MS). Natural de Lavrinha-PR, nascido em 1961, Frei Pedro ingressou no Seminário Capuchinho em 1978 e fez profissão perpétua em 1991. Atuava desde 2024 como pároco da Paróquia São Francisco de Assis, em Umuarama-PR. Conhecido por sua humildade e dedicação missionária, agora aguarda a posse na Diocese de Jardim, criada em 1981, por São João Paulo II. A Diocese de Umuarama agradece profundamente por sua missão na diocese e rende graças a Deus para o bom êxito de seu novo chamado.



Monsenhor Frei Pedro Cesário Palma, arquivo

Mais de 1.800 coroinhas participam do Jubileu em Umuarama



Coroinhas no Jubileu de Umuarama, arquivo

No dia 24 de agosto, Umuarama sediou o Jubileu dos Coroinhas e o 19º Inter-coroinhas, em sintonia com o 2025º Ano Santo da Encarnação do Senhor. O evento reuniu, na Catedral do Divino Espírito Santo, representantes da maioria das paróquias da Diocese. Mais de 1.800 coroinhas e cerimônias participaram da Missa presidida por Dom Frei João Mamede Filho, atravessaram a Porta Santa e receberam Indulgência Plenária. O encontro seguiu no Centro Diocesano de Formação, marcado por uma tarde com muita diversão e fraternidade entre os adolescentes.



Diocese celebra Jubileu dos Catequistas em Iporã

No dia 24 de agosto, o Jubileu dos Catequistas reuniu cerca de 850 participantes de toda a Diocese no Santuário Santo Antônio, em Iporã. O evento começou com uma peregrinação orante da Praça das Nações Unidas, deslocando-se até o Santuário, onde contou com momentos de oração, pregação e partilha, mesmo sob chuva e frio. A Santa Missa foi presidida pelo padre José Fernando Lucena. Foi um momento especial para os servos, que, com muito zelo e amor, fortaleceram o alicerce da fé na vida do povo de Deus.



Jubileu dos Catequistas no Santuário Santo Antônio, em Iporã, arquivo



DOM JOSÉ

Você sabia que o nosso bispo emérito foi ordenado por um Papa?

Neste mês de outubro, recordamos com carinho o aniversário natalício de Dom José Maria Maimone, SAC, no dia 06 de outubro, e traremos algumas curiosidades especiais sobre sua vida.

No dia 26 de maio de 1973, o Papa Paulo VI criava duas novas dioceses no estado do Paraná: uma no Norte, a Diocese de Cornélio Procopio, e outra no Noroeste, a nossa Diocese de Umuarama. Com isso, o Papa teve que nomear um bispo para cada uma delas. O escolhido para a *Diocesis Umuaramensis* foi o então Pe. José Maria Maimone, sacerdote da Sociedade do Apostolado Católico, de São Vicente Pallotti.

Inicialmente, ao ser chamado ao episcopado, Dom José acreditava que seria designado para Cornélio Procopio ou para ser bispo auxiliar de Londrina, pois conhecia bem aquela região. Atuou como diretor espiritual do Seminário São Vicente Pallotti, em Londrina (1963), e posteriormente como reitor do mesmo seminário (1966-1971); foi pároco da Paróquia Rainha dos Apóstolos, em Londrina (1970-1971); e também diretor espiritual do Movimento de Cursilhos no Norte do Paraná (1969-1971).

Como sacerdote, também estudou teologia espiritual no Pontifício Instituto *Teresianum*, em Roma, e atuou como Consultor-geral da Sociedade do Apostolado Católico, em 1972 e 1973, também residindo em Roma.

Para surpresa de Dom José, seu chamado episcopal não se dirigia ao Norte do Paraná, mas ao Noroeste, quando o Papa o nomeou, em 12 de junho de 1973, como o primeiro Bispo Diocesano de Umuarama.

Aqui, uma curiosidade: quando um sacerdote é convidado a se tornar bispo, deve responder pessoalmente ao Santo Padre se estiver em Roma, ou por carta, caso resida fora da Cidade Eterna. **Outra tradição estabelece que os bispos eleitos que vivem em Roma sejam ordenados pelo próprio Papa. Ou seja, essa tradição aconteceu com Dom José.**

Assim, sua ordenação episcopal ocorreu no dia 29 de junho de 1973, na Basílica de São Pedro, em Roma, na Solenidade dos Santos Apóstolos Pedro e Paulo. A celebração foi presidida pelo próprio Papa, São Paulo VI, e concelebrada por diversos cardeais, bispos e padres.

Após a ordenação episcopal, foi realizada uma recepção no Colégio Pallottino, reunindo padres, religiosos e amigos que, com alegria, celebraram a nova missão de Dom José à frente da Diocese de Umuarama.

Que neste mês, missionário e mariano, inspiremo-nos na história de nosso Bispo emérito, que respondeu com generosidade ao chamado do Senhor para ser missionário. Supliquemos a Maria Santíssima, Rainha dos Apóstolos, que interceda por todos os nossos bispos, especialmente por aquele que, como primeiro pastor de nossa Diocese, lançou as colunas da fé nesta porção do Povo de Deus que lhe foi confiada.

**Feliz aniversário,
Dom José!**

**Phelipe Hydemy
Saquetti Matimoto**
Subsecretário episcopal

